

## A NEGAÇÃO PRÁTICA DO OUTRO COMO PESSOA: A DIGNIDADE HUMANA VIOLADA<sup>1</sup>

João Carlos Nogueira  
Pós-Graduação em Filosofia – Instituto  
de Filosofia – PUCCAMP

1. Diante do espetáculo angustiante da sistemática violação da dignidade do homem latino-americano a consciência ética vê, na defesa e na promoção dos direitos dos pobres, o significado essencial dos direitos humanos.

Não se trata, portanto, de uma concessão à moda ou às ideologias neo-burguesas, que agitam essa bandeira como instrumento de uma política que esconde hipocritamente o objetivo inconfessável de exploração e dominação.

A defesa dos direitos humanos a partir dos marginalizados, i.é, dos que historicamente são expropriados dos seus direitos fundamentais e ofendidos na sua dignidade de homens livres e responsáveis pelo próprio destino, é um **imperativo ético** fundamental.

Metodologicamente procurarei, nesta reflexão manter aquela **ótica** que busca descobrir o valor moral na sua negação ou contradição. Trata-se de **desvelar**, através do trabalho do **negativo**, o verdadeiro rosto do **positivo**, ou seja, do valor que deveria estar presente mas não está, porque varrido por uma ação negadora. É o que acontece em relação aos direitos humanos em nosso contexto. Por isso apresentarei o tema a partir da sua concreta negação na realidade histórico-social.

2. Considerarei, em primeiro lugar, a violação da dignidade humana no nível **sócio-econômico**.

No campo da história humana podem-se perceber duas forças em ação: forças de libertação e forças que agem em sentido contrário. Em nosso continente essas últimas infligiram à dignidade humana os golpes

---

(1) O presente artigo, abordando em geral os direitos humanos como direitos dos pobres, quer ser uma singela homenagem àqueles que freqüentemente são os pobres mais pobres de nossas sociedades, os **negros**, que construíram com seu suor e seu sangue a grandeza de nossa nação. Do ano em que se comemora o centenário da abolição da escravidão, bem pouco têm eles o que celebrar, porque continuam discriminados e marginalizados no meio social. Esse fato persiste como uma grave ofensa à sua dignidade de pessoas humanas.

mais terríveis. O quadro sócio-econômico de nossa realidade é extremamente sombrio.

A distância crescente entre os imensamente ricos e os imensamente pobres assume a dimensão de um escândalo. Trata-se de uma desumana situação de pobreza, flagelo devastador e humilhante que golpeia as populações latino-americanas, e que se exprime numa impressionante gama de males sociais, que vão das altas taxas de mortalidade infantil às migrações forçadas e desprotegidas, dos salários de fome e dos problemas higiênicos ao desemprego e sub-emprego, á desnutrição, à instabilidade no trabalho e assim por diante.

Em termos de análise social dir-se-ia que a pobreza da grande maioria cresce de modo diretamente proporcional à concentração de riquezas nas mãos de uma minoria, de sorte que o fosso entre ricos e pobres torna-se cada vez mais largo. Com isso vêm à luz, na sua mais crua verdade, as contradições de um processo desumano de crescimento articulado exclusivamente sobre a produção e o lucro.

Além disso é preciso destacar que não se trata de mera fase transitória (destinada a ser superada), mas de estruturas sócio-político-econômicas impregnadas de injustiça que produzem, conforme a expressão do documento de Puebla (nº 30), "em nível internacional ricos cada vez mais ricos e pobres cada vez mais pobres".

O sistema responsável por tal situação é o capitalismo selvagem fundado sobre uma rígida economia de mercado, que atribui ao capital o primado absoluto sobre o trabalho e antepõe o aspecto econômico do lucro à dimensão social. A isso se acrescenta o fato da exploração, por grupos nacionais minoritários associados aos interesses estrangeiros, dessa situação anômala de livre mercado para aumentar os seus lucros à custa da maior parte da população. Ademais, se trata de um capitalismo periférico, essencialmente dependente do capitalismo internacional, que originou uma nova forma de colonialismo, o **neo-colonialismo** econômico, político e cultural, tão cruel como o antigo.

3. Há, em segundo lugar, a negação da dignidade da pessoa no **nível-político**, i.é, no nível do exercício do **poder** na sociedade. Aqui o grande flagelo provém da opressão comandada pelos regimes de força implantados, décadas atrás, em nossas sociedades, sob o pretexto de afastar o perigo comunista.

Esses regimes manifestaram, desde logo, uma terrível tendência aos abusos de poder com o triste cortejo das repressões sistemáticas ou seletivas, dos exílios, torturas e violação da vida privada, da insegurança pelas detenções arbitrárias e pelo desaparecimento de pessoas de que não se conseguem mais ter notícias.

Com a deterioração das liberdades civis houve um drástico processo de restrição à participação nos vários níveis da vida político-social. Foram sobretudo os grupos populares e as classes trabalhadoras que mais sofreram as medidas repressivas e de certa forma ainda as continuam sofrendo. As medidas repressivas visavam obstacular ao máximo os movimentos populares sobre os quais pesava (como de resto ainda pesa) a suspeita de subversão e de desordem.

A deterioração do quadro político manifesta-se na impossibilidade dos cidadãos participar dos projetos referentes ao seu destino na sociedade. É uma marginalização de que são vítimas particularmente as classes mais pobres vistas, quase sempre, pelas elites dirigentes como mera "massa de manobra" em vista de fins políticos mesquinhos. Como a classe dirigente, enquanto detentora do poder econômico-cultural, reivindica para si a capacidade de exercer o poder político, o povo pobre e inculto é, por isso mesmo, posto à margem das decisões políticas, acabando assim por tornar-se estranho a essa importante dimensão da vida social.

Aqui está o nosso drama. A democracia na América Latina sempre esteve sujeita aos ventos dos autoritarismos que, ao impedir a formação de verdadeiros líderes, determinam o esvaziamento da autêntica representatividade política.

A este quadro político-social, já em si mesmo profundamente deteriorado, vem juntar-se um outro efeito negativo, o da **corrupção** e da **violência**. A primeira é um mal bem conhecido dos regimes de força, os quais, na medida em que são fechados e refratários à crítica, criam condições propícias para a escalada ao poder e para o enriquecimento rápido dos quadros burocráticos no interior das administrações. A segunda coincide com o fenômeno da deterioração da democracia. A emergência de grupos extremistas, que empregam meios violentos para combater os regimes ditatoriais, termina por provocar novas repressões contra os grupos populares. Vai nessa direção o fenômeno da guerrilha que, ao escolher a violência como meio de libertação, facilita o caminho à repressão institucional com o doloroso séquito de contra-violência. Esse conjunto de fatores deram origem, em vários países, a um clima social irrespirável que compromete gravemente a convivência civil. A consequência é o agravamento da situação de violência institucionalizada tanto subversiva quanto repressiva, com a violação brutal da dignidade da pessoa humana nos seus direitos básicos.

4. Outro ponto que não pode passar sob silêncio é o da doutrina da **segurança nacional** com a incidência extremamente negativa que teve na esfera das liberdades individuais.

A segurança nacional é uma autêntica ideologia de guerra.

Na maniqueista divisão que faz do mundo, pondo de um lado ocidente cristão e democrático, de outro o mundo comunista, anticristão

e antidemocrático, é possível perceber quais são o seu fundo ideológico e a sua respectiva tática.

O mundo comunista, porque totalitário e ateu, é o grande inimigo do ocidente e por isso deve ser combatido com todas as armas. No plano social é um verdadeiro estado de guerra, contra adversário que nos insidia por toda parte, infiltrando-se em nossas instituições para subvertê-las. Contra ele o estado conta com o **poder nacional** (apoiado num forte poder militar), com o **poder econômico** e o **psicossocial** que tem uma precisa finalidade de doutrinação.

Ora, como a guerra é primordialmente da competência dos militares, pequeno se torna o passo a transição do poder civil às suas mãos para proceder à gestão de uma tal guerra insidiosa e inexorável... Isso explica também o fenômeno da sua ascensão ao poder em quase todos os países do continente, com as conseqüências negativas que daí advieram no campo dos direitos humanos.

Essa concepção elitista e vertical, no plano econômico e político, estabelece uma união estranha, à primeira vista, entre autoritarismo político e liberalismo econômico que impõe finalmente ao povo a tutela de poderosas elites militares e políticas.

Do exposto não é difícil perceber que, subjacente à ideologia da segurança nacional, está uma visão estatizante do homem, que limita drasticamente as liberdades individuais, submetendo-as à **vontade do Estado** identificada com a **vontade da nação**. O Estado é a nação e a sua vontade se sobrepõe absolutamente às pessoas. É, portanto, uma forma de absolutização do poder que marginaliza o povo da participação social. Encarna-se com freqüência, em regimes opressivos que institucionalizam a insegurança dos cidadãos e se opõe ao desenvolvimento do direito das pessoas, dos grupos e até das nações.

5. Um terceiro tema de relevância, nesta linha de reflexão, é o das agressões aos valores culturais das populações latino-americanas. Também aqui não é menos patente a violação infligida à sua dignidade pessoal.

Um primeiro dado importante, como ponto de partida para nossas considerações, é o reconhecimento da diversidade de raças e de grupos culturais que compõem o tecido étnico da América Latina. Embora não constitua "uma realidade uniforme e contínua", a cultura latino-americana possui elementos que podem, sem dúvida, configurar" um patrimônio cultural comum: tradições históricas e a fé cristã". (Puebla nº 51).

A cultura latino-americana, formada paulatinamente desde a primeira colonização, é uma cultura embebida de fé simples ou espontânea, que se exprime nos comportamentos da religiosidade popular e numa sabedoria de vida penetrada por uma delicado **senso contemplativo**, que orienta

a peculiar relação do povo com a **natureza**, com os **outros** e permeia o sentido que tem da festividade, do trabalho, bem como dos laços da amizade e do parentesco. É uma cultura intuitiva com forte coloração afetiva, cujos espaços de manifestação são principalmente o campo religioso, a arte dita popular e a solidariedade concreta na convivência quotidiana. Constitui uma **sabedoria** prática capaz de unir, em síntese vital e criativa, os aspectos divino-humanos da existência, como a coragem de viver, a alegria, o senso de humor e a esperança, apesar das condições de vida freqüentemente molesta e árdua.

O advento da civilização urbano-industrial, com sua racionalidade científica e sua mentalidade tecnológica, produziu um impacto muito forte sobre essa cultura. Está em curso, no continente, um verdadeiro processo de conquista, por parte desta civilização, que está exigindo de nossas populações um enorme esforço de assimilação e criatividade para não verem suas culturas postergadas e perdidas.

A conseqüência imediata da introdução da cultura urbano-industrial, de matriz estrangeira, foi a forte proletarização dos povos e grupos sociais, com o aumento agudo da dependência técnico-científica dos centros onde tal cultura é elaborada. Por ser uma cultura **secularista**, que professa um claro ateísmo teórico e prático, associado ao consumismo e ao materialismo individualista, ela funciona como elemento dissolvente das culturas tradicionais, que são assim sistematicamente deformadas até perder a própria identidade.

Tais fatos comprovam a existência de uma mudança muito profunda no **ethos** cultural latino-americano, com a destruição de muitos valores essenciais à tradição de nossos povos, especialmente os concernentes ao modo de viver e conviver na sociedade.

Vale aqui uma ressalva: com minha análise não pretendo de modo algum negar os progressos da sociedade industrial para **idilizar** as sociedades tradicionais de fundo agrário. Minha intenção é, antes de tudo, indicar os efeitos negativos que ela induziu em nossas culturas por causa de sua tendência ao nivelamento e à uniformidade, que está conduzindo inexoravelmente as culturas tradicionais à eliminação. A **homogeneização** constitui uma indiscutível agressão ao nosso patrimônio cultural comum e lesa conseqüentemente a própria dignidade do homem latino-americano.

6. O processo de espoliação pelo qual as minorias privilegiadas apropriam-se da riqueza produzida e das vantagens da cultura e da ciência, em prejuízo das maiorias que continuam prisioneiras da miséria e frustradas nos anseios de justiça e participação, é certamente, do ponto de vista ético, um processo imoral.

De fato a exploração brutal dos pobres e a marginalização crescente que os impede de realizarem-se com pessoas são um atentado à

sua dignidade. Mas o pior é que essa impossibilidade de realização nos direitos fundamentais começa já antes do nascimento, "por causa da propaganda antinatalista e até abortista, prossegue com a desnutrição infantil, o abandono prematuro, a falta de assistência médica, da educação e de moradia, favorecendo uma constante desordem que não é estranha à proliferação da criminalidade, da prostituição, do alcoolismo e do uso de droga". (Puebla nº 1261).

Trata-se, por conseguinte, dos direitos fundamentais da pessoa que são negados por um sistema social centralizado em um humanismo fechado, essencialmente egocêntrico. Essa realidade escandalosa configura uma situação **anti-ética**, quer dizer, profundamente imoral e ofensiva à dignidade humana. A dignidade sobre a qual se fundam os direitos do homem é a dos que são historicamente dela espoliados. É a dignidade violada pela opressão conduzida pela **vontade de poder** dos sistemas baseados no tríplice egocentrismo: o **ter**, do **poder**, e do **saber**.

Tal situação deixa claro afinal que, para a **ética**, o lugar dos problemas que nos solicitam com suas perguntas não está na ordem de uma ontologia abstrata mas na **pobreza do outro**. É o **outro** que, na nudez de seu rosto de oprimido, se nos revela como exigência de liberdade que, do fundo de seu despojamento, interpela a nossa liberdade e apela para a nossa responsabilidade diante dele.